

CORPO E IMAGEM COMO SIGNO FLUTUANTE, IMPRECISO E COLETIVO

Christine Mello – FAAP

RESUMO

O presente artigo propõe que se compreenda noções produzidas entre corpo e imagem na contemporaneidade a partir da experiência da obra *Solo* (2010), de Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti. As práticas artísticas decorrentes desse contexto ocupam um lugar de destaque nas problematizações do corpo em suas ações e vivências da cidade. Corpo e imagem são constituídos – em muitas destas práticas - como produção imaginária por meio de dispositivos que agenciam em tempo real uma multiplicidade de corpos e espacialidades. A partir do exame deste misto de *site specific* com instalação interativa buscaremos uma aproximação crítica entre relações do corpo e imagem como exercício de produção de um signo flutuante, impreciso e coletivo.

Palavras-chave: Crítica de arte; Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti; corpo e imagem; *site specific*, instalação interativa.

RESUMEN

El presente artículo busca comprender los conceptos producidos entre el cuerpo y la imagen en la sociedad contemporánea a partir de la experiencia del trabajo *Solo* (2010), de Rejane Cantoni y de Leonardo Crescenti. Las prácticas artísticas que resultan de este contexto ocupan un lugar prominente en la problematización del cuerpo en sus acciones y experiencias de la ciudad. Cuerpo y imagen se hacen - en muchas de estas prácticas - como la producción de imaginario a través de dispositivos que promuevan en tiempo real una multitud de cuerpos y espacialidades. Del examen de esta mezcla de *site specific* y instalación interactiva buscaremos un enfoque crítico de la relación entre el cuerpo y la imagen como ejercicio de producción de un signo flotante, impreciso y colectivo.

Palabras claves: Crítica de arte; Rejane Cantoni y Leonardo Crescenti; cuerpo y imagen; *site specific*; instalación interactiva.

A cultura movida na contemporaneidade proporciona uma geração de artistas interessada nos trânsitos entre diferentes tipos de espaços públicos e nos recursos oferecidos pela multiplicidade de agenciamentos sociais. Preocupam-se com as transformações sensórias e políticas estabelecidas a partir disso, investigam novos significados para a vida em comunidade, o trabalho artístico e sua forma de recepção. Relacionam-se de maneira ativa com a cidade, agenciando-a de modo compartilhado.

Tomando como princípio o espaço de percepção cotidiana como um espaço ampliado e privilegiado de trocas, os artistas ativam em suas propostas o “estar no mundo” por meio de espaços sociais, cognitivos e comunicacionais, não pretendendo distinguir os limites entre tais espaços e os espaços tradicionais da cidade e da arte.

As práticas artísticas decorrentes desse contexto ocupam um lugar de destaque nas problematizações do corpo em suas ações e vivências da cidade. Corpo e imagem são constituídos – em muitas destas práticas - como produção imaginária por meio de dispositivos que agenciam em tempo real uma multiplicidade de corpos e espacialidades.

Esse tipo de experiência pode ser observada, por exemplo, em trabalhos como *Solo*, de Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti. Como um misto de *site specific* e instalação interativa, a obra foi apresentada pela primeira vez em 2010, na Capela do Morumbi, em São Paulo.



A Capela do Morumbi remonta à arquitetura dos primórdios da cidade. É hoje parte integrante do Museu da Cidade de São Paulo, um organismo do Departamento do Patrimônio Histórico e da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do

Município de São Paulo. Nela, muitos artistas brasileiros vêm produzindo intervenções e leituras críticas ao longo das últimas três décadas.

O contexto de apresentação de *Solo* integra, desse modo, um dos principais marcos históricos-arquitetônicos de não apenas uma grande cidade, mas uma megalópole que é, provavelmente, uma das que mais compreende hoje dinâmicas conflituosas de processamento cultural e alteridade.

Embora altamente midiaticizada, São Paulo abriga uma tensa e paradoxal interconexão entre a lógica do indivíduo e do coletivo, entre a lógica de ambientes físicos (como ruas, viadutos, praças) e de ambientes virtuais (como a internet móvel), gerando a necessidade de nelas imprimir ações coletivas de caráter mais humanizado do que aquelas que o poder público opera, ou seja, menos violentas em termos de convivência com o espaço público.

Nessa direção, *Solo* ocupou temporariamente o espaço da Capela do Morumbi nela produzindo reverberações do corpo sob diferentes formas. Por exemplo, reverberações produzidas no contato direto entre os sujeitos que interagem junto a obra assim como reverberações produzidas no contato indireto, por meio de interações de memória com a cidade e com o seu processo histórico.

A noção de “solo” diz respeito aqui à experiência de tomada de contato por parte do público de lugares demarcados onde se encontram vestígios comuns de comunicação humana na cidade. Com isso, a obra propicia ao sujeito a possibilidade de estar cercado por uma área repleta de história e conflitos não apenas sob a forma de um estado traumático de aprisionamento, mas um estado híbrido de passagens.

Quando *Solo* foi apresentada, entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011, esteve sob curadoria de Inês Raphaelian, Henrique Siqueira e Douglas de Freitas, que integravam, naquele momento, a equipe do Museu da Cidade. O agenciamento cultural que constituiu tal intervenção ofereceu, desse modo, situações não habituais, mas sim situações mais dialógicas e fluídas com o espaço público. A proposição trazida pelos curadores do Museu da Cidade teve como objetivo, para tanto, reativar e colocar em contato pontos culturalmente importantes de São Paulo, que sítiam uma mistura significativa de sujeitos, espaços e pontos de vista.

Tendo como ponto de partida questões levantadas pelas experiências de *Solo* na Capela do Morumbi, serão feitos, dessa forma, na seqüência, alguns

apontamentos sobre o contexto de apresentação da obra assim como sobre o campo da produção de sentido entre corpo e imagem.

Contextos da experiência

A Capela do Morumbi, uma edificação em ruínas de taipa de pilão, é hoje em São Paulo uma conexão entre simultâneas espacialidades. Não é a noção de um espaço dado que está em questão, mas a noção de um espaço produzido. É como um dispositivo que põe em comunicação muitos significados – a história, a cidade, a arquitetura, o corpo, a imagem, vestígios do campo simbólico e imaginário.

O espaço é parte de uma rede de percepções do sujeito com a sociedade, como um sistema de significações e atribuições culturais, científicas, filosóficas e econômicas. Os artistas usualmente o invocam como um processo de produção de sensações e pensamento.

Solo, misto de *site specific* e instalação interativa de Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti, consiste em um solo metálico e polido formado de 40 chapas de alumínio, alinhadas e conectadas entre si. Ao caminhar sobre esse *solo*, o sujeito partilha com o *outro* um jogo, em que as energias circulam e estão presentes em toda parte. A organização desse jogo está a serviço do corpo que, de modo arbitrário, cria ritmos, emite e recebe signos, provoca relações recíprocas, traduz o movimento do *outro*.

A instalação produz, no espaço da Capela do Morumbi, um desdobramento de sentidos: entre um lugar por onde se anda, se constrói, entre um trecho sonoro, uma imagem, um jogo. Transformam a sua arquitetura e a sua história em experiência errante, transferível de um sujeito ao outro.

A força vital de *Solo* reside no gesto de traduzir experiência pessoal em coletiva. Chama atenção a multiplicidade dos corpos que participam do jogo. Nele, o sujeito experimenta o seu movimento aprendendo a modular em si uma superposição de planos. Como num solo musical, sua presença é evidenciada em meio a um acompanhamento de instrumentos e vozes.

O resultado da singularização desse solo pressupõe uma coesão social extremamente forte. Ativa no sujeito a principal condição da própria vida da comunidade: o corpo em comunicação com toda a natureza e cultura, sendo mais singular quanto mais se deixa permear pelo maior número de forças naturais e sociais.

A experiência de *Solo* é associada ao espaço social e à percepção cotidiana, no contato ampliado entre espaços físicos e virtuais. O espaço é aqui reconfigurado por meio de mudanças da percepção fixa e individual de espaço para a percepção móvel, mnemônica e coletiva de espaço. Nesse contexto, é produzido em *Solo* um novo tipo de experiência de espaço, de natureza intensiva, fluída e simultânea.

Quando Einstein teoriza que a luz compõe-se de partículas e que a energia das partículas da luz determina a frequência da vibração, abre-se outro contexto de compreensão para os fenômenos do movimento. Nesse novo ambiente cognitivo, a noção de movimento é vista sob a perspectiva do espaço intensivo, sob a forma de uma espacialidade temporalizada, sendo experimentada em relação à vibração da luz e ao *continuum do tempo*.

O espaço intensivo é diferente do espaço extensivo. No espaço extensivo a noção de espaço é associada à noção de evento e não à noção de acontecimento. No espaço extensivo o sujeito observa o fenômeno de fora, sendo que a dimensão espacial não incorpora a dimensão temporal.

A noção de corpo associada a espaço intensivo e ação interativa em *Solo*, o transforma em experiência múltipla. Faz mudar o modo como compreendemos não só a nossa presença em meio a uma comunidade como também os modos como reposicionamos noções como referencial, trajetória e duração nos processos coletivos de memória. Faz com que não apenas observemos o fenômeno de dentro, no interior da apreensão de movimento, mas também de modo compartilhado com o *outro*, agenciando os signos de modo coletivo.

Tal fenômeno compreende a sensação de vivenciar camadas intensivas do corpo em espaços não-homogêneos, descontínuos, relativos ao tempo presente. Nesse contexto, o sujeito empreende uma busca por uma correspondência, ou contraste, entre múltiplos espaços de natureza tanto física quanto virtual. Dessa

forma, a organização temporal do espaço, ou a experiência de movimento, acontece por meio da virtualização do corpo entre espaços de natureza híbrida, subjetiva e divergente.

Solo - signo flutuante, impreciso, e coletivo

Em *Solo*, é possível observar que Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti propiciam experiências vibráteis no corpo a partir de fenômenos hápticos-ópticos. Tais articulações sensoriais que produzem possuem a capacidade de colocar o receptor diante de experiências reconhecíveis como sensoriais e políticas, pelo fato de acionarem, de modo simultâneo, a memória pessoal e coletiva do corpo.

A experiência em *Solo* é assim paradoxal: há a sensação de um sentido, um significado próprio atribuível ao espaço híbrido experimentado pelo corpo, sendo, no entanto, indefinível e permutável. É o corpo híbrido, e as suas energias, que efetuam os sentidos. Revelam a noção de solo como algo transmitido por contato, sob a forma tátil, que se constrói a partir de um signo flutuante, impreciso e coletivo.

Solo aciona o corpo como síntese entre tempo e espaço, operando transformações de signos sem permitir que se pacifiquem os sujeitos que participam da experiência, sem permitir também que se anule ou pacifique resíduos conflituosos memorados nas paredes de taipa que o envolvem.

Desarticula, desse modo, a Capela do Morumbi como um lugar neutralizado, desconectado do entorno, da cidade de São Paulo. Ao contrário, é por meio do estatuto aberto, indeterminado e inesperado dos diálogos produzidos entre os múltiplos corpos e espaços, em suas dimensões de acontecimento e do “diretamente vivido”, que a proposição artística tem a capacidade de promover o espaço da história de outro modo.

Se informar significa tornar aparente um mundo altamente codificado, em *Solo*, a Capela do Morumbi é tornada perceptível no contato com o coletivo. Destaca-se, aqui, a importância política do trabalho: o sentido real do agenciamento do sujeito no espaço. Nessa direção, a tônica recai tanto na capacidade do sujeito de realizar ações significativas (e observar, de modo consciente, os resultados das

decisões e escolhas) quanto nos jogos de poder, nas tensões, nas dificuldades de conviver de modo conjunto no espaço plural. Pode-se ter a sensação de que todo o solo está sob o comando de um, assim como perceber que as ações coletivas geram efeitos inesperados sobre si próprio e sobre o espaço.

Atualiza a Capela do Morumbi como algo que perdura não por meio dos processos convencionais da história – como um marco historicista – mas como algo que perdura por se tornar lugar de troca, por ativar e colocar em relação de diferença, em movimento, os sujeitos de uma comunidade.

A operação de produção de um corpo imaginário em *Solo* é concebida sob a forma de uma estrutura simultaneamente interconectada e aberta, como espaço híbrido de agenciamento e como um meio de perceber o que está mascarado, não visto, entre o presente e a história.

Do gesto de propor uma *arquitetura ficcional* do espaço público, aparentemente inexistente, por meio do acesso virtual ao presente, às experiências provocadas *in situ* no espaço físico da Capela do Morumbi, a experiência proposta por Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti elege como plataforma conceitual a noção de “solo” como a própria metáfora da ocupar a cidade: agencia com o corpo o microcosmo da cena urbana com toda sua carga imaginária e infinitos problemas.

Em *Solo*, há assim a vitalização do corpo como processo histórico. A Capela do Morumbi revela-se como um resíduo significativo no corpo de cada visitante. Temos, portanto, a noção daquilo que perdura como algo processual e móvel. Algo que permanece e que é ao mesmo tempo transitório. Trata-se da noção de permanência atribuída como sensação e memória.

Christine Mello:

É pesquisadora, crítica de arte e curadora. Professora da Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP, possui pós-doutorado em Artes Plásticas pela ECA-USP. É doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Suas mais recentes curadorias são *Tékhnē* (MAB-FAAP, 2010, junto com Denise Mattar) e *Lucas Bambozzi-o espaço entre nós e os outros* (Laboratório Arte Alameda, México DF, 2011).